



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

UILIAM ALVES DE CARVALHO

RACISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

WILLIAM ALVES DE CARVALHO

RACISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

C329r

Carvalho, Uiliam Alves de.

Racismo no contexto escolar / Uiliam Alves de Carvalho. - 2022.

47 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira.

1. Discriminação na Educação - Brasil. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino.
3. Racismo - Brasil. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 305.8

WILLIAM ALVES DE CARVALHO

RACISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 14 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a LÍlian Paula Serra e Deus

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedico esse trabalho a todo o corpo docente da UNILAB e, em especial, ao Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira, que contribuiu diretamente na conclusão deste presente trabalho. Dedico também a amigos e amigas discentes e meus familiares, que sempre vêm me ajudando nos momentos mais difíceis, com palavras positivas, me incentivado nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Obrigado a todas as pessoas, tanto familiares, quanto amigos, que me ajudaram a desenvolver este TCC. Mesmo que algumas delas tenham feito isso de maneira indireta, agradeço pelo apoio e pela colaboração para eu conseguir desenvolver meus textos.

Agradeço ao meu orientador pela dedicação e paciência durante o processo de escrita. Agradeço a todos os professores que deram dicas e orientações para este trabalho, mesmo não sendo meus orientadores, também dedicaram seu tempo para me auxiliar, o que me levou a muitas ideias.

Agradeço a todos pela disponibilidade e atenção, pelas informações para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objeto de estudo o racismo em instituição acadêmica de ensino e aprendizagem, visando observar como alguns atos racistas são realizados e de que maneira se propagam dentro de uma escola, e apontando algumas medidas devem ser tomadas por um professor em sala de aula e respectivamente como a instituição deve intervir para rechaçar tais práticas. Primeiramente é apresentada uma discussão sobre a ideia de racismo, sua criação e manifestação na sociedade. Em seguida, o trabalho discute sobre ideias e possibilidades relativas a uma educação antirracista, incluindo o papel do professor antirracista. O trabalho traz também um levantamento realizado com professores de língua portuguesa a respeito das manifestações racistas e das práticas antirracistas que estão presentes na realidade escolar de cada um. Por fim, o trabalho apresenta algumas propostas didáticas como forma de contribuição para um ensino de língua portuguesa.

Palavras-chave: Discriminação na Educação - Brasil. Língua portuguesa - Estudo e ensino. Racismo - Brasil.

ABSTRACT

This course conclusion work has as its object of study racism in an academic institution of teaching and learning, aiming to observe how some racist acts are carried out and how they are propagated within a school, and pointing out some measures that must be taken by a teacher in the classroom and, respectively, how the institution should intervene to reject such practices. First, a discussion about the idea of racism, its creation and manifestation in society is presented. Then, the work discusses ideas and possibilities related to an anti-racist education, including the role of the anti-racist teacher. The work also brings a survey carried out with Portuguese-speaking teachers about racist manifestations and anti-racist practices that are present in each one's school reality. Finally, the work presents some didactic proposals as a way of contributing to Portuguese language teaching.

Keywords: Discrimination in Education - Brazil. Portuguese language - Study and teaching. Racism - Brazil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CAPÍTULO I: SOBRE O RACISMO	12
2.1	O QUE É O RACISMO?	12
2.2	RACISMOS NO CONTEXTO ESCOLAR E O PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	15
3	CAPÍTULO II: UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	19
3.1	O QUE É “EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA”?	19
3.2	O PAPEL DO PROFESSOR (DE PORTUGUÊS) ANTIRRACISTA	20
3.3	A ESCOLA ANTIRRACISTA	21
4	CAPÍTULO III: A PESQUISA REALIZADA	24
4.1	A CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	24
4.2	SOBRE A COLETA DE DADOS	25
4.2.1	O questionário e as respectivas respostas	25
4.2.2	Dados e análises	37
5	CAPÍTULO IV: PROPOSTAS PARA UM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NUMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA	40
5.1	SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NUMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA	40
5.2	SEQUÊNCIA DIDÁTICA PROPOSTA	41
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	Referências	46

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2021), a população negra é maior que a população branca no país, sendo que a raça negroide engloba pretos, pardos, beges, entre outros. Isto porque a pessoa é considerada negra através das suas características físicas, dos seus fenótipos e da tonalidade da sua pele, mas não só. Há incluído aqui as autodeclarações pautadas em questões identitárias e ancestrais.

Observando o texto de Elida Oliveira (2020), o qual ela escreveu para o site G1, os negros são os que mais abandonam os estudos, ou são os que passam mais anos na escola. São, também, a maioria dos que estudam na série que não corresponde a sua idade, além de serem predominantes no quesito “analfabetismo”, no Brasil. Analisando os fatos, este trabalho foi elaborado com o objetivo de argumentar sobre a educação brasileira em relação à população negra e entender o racismo como uma prática estrutural que em muito contribui para essa triste realidade. Nesse sentido, é preciso também compreender como se realiza a prática do racismo no contexto escolar. Este trabalho interessa à área das Ciências Humanas e dos estudos linguísticos, além de outras áreas de estudo que buscam compreender o papel da docência no que concerne ao combate ao racismo, ou ao antirracismo, dentro de uma instituição de ensino.

A princípio, no capítulo 1, será abordado o significado do conceito de racismo, a partir de uma contextualização histórica. O texto discute, nesse ínterim, o que é o racismo no contexto escolar e qual é a função da escola mediante a problemática apresentada. Já no capítulo 2, veremos a definição de uma educação antirracista, discutiremos sobre o papel do professor antirracista e sobre a própria instituição antirracista. Depois, no capítulo 3, o trabalho traz uma pesquisa descritiva realizada com alguns professores e professoras de língua portuguesa, visando levantar dados sobre o tema discutido e entender um pouco sobre as percepções desses profissionais sobre o tema discutido. Por fim, veremos propostas didáticas para um ensino de língua portuguesa com fundamento antirracista, na intenção de contribuir para a transformação necessária no ensino de língua portuguesa comprometido com o combate ao racismo no Brasil.

2 CAPÍTULO I: SOBRE O RACISMO

Nesse capítulo pretendo discutir sobre o racismo, traçando uma análise que leva em conta sua origem na sociedade brasileira, sua manutenção e as formas de como o racismo se organiza socialmente. Isso acontece permeando as estruturas sociais, políticas e econômicas, orientando as formas de controle do comportamento e da mentalidade humana, que perduram até a atualidade. Após essa breve introdução, será possível fazer uma análise mais precisa e cautelosa a respeito da presença do racismo no contexto escolar.

Dessa forma, o capítulo apresenta, inicialmente, um enquadramento teórico sobre o racismo e suas origens, em que a questão do racismo estrutural é enfocada. Posteriormente, num segundo momento, abordamos as peculiaridades do contexto escolar.

2.1 O QUE É O RACISMO?

Antes de definir o que é Racismo, é necessário remeter-se à gênese dessa ideia. Sua origem regressa aos séculos XVI e XVII, período da Expansão Marítima, da colonização do continente americano e da corrida imperialista. A escravização dos africanos e os genocídios de povos nativo-americanos foram elementos marcantes desses eventos. Para justificar tais ações, os europeus começaram a criar teorias para sustentar uma suposição, que recebeu o nome de hierarquia de raças, a qual, segundo Quijano (2005), foram associadas às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados. O autor explica a necessidade do colonizador em construir a imagem do “outro” colonizado para reforçar a sua própria imagem e uma suposta superioridade. Nessa hierarquia, há uma pirâmide em que os brancos ocupam o topo, sugerindo que somente estes teriam capacidade intelectual para governar e administrar os recursos da terra, enquanto os demais povos dessa pirâmide - asiáticos nativos e negros, nesta ordem - deveriam ser submissos às vontades do homem branco. A ideia de raça foi criada com a colonização, como explica Quijano:

A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/ inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou degênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade [...] também seus

traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial. (QUIJANO, 2005, p. 118).

O conceito de raça é a hipótese que legitima todas as formas de colonização. Quijano (2005) enfatiza que o colonialismo colocou a Europa como centro do mundo, criando o eurocentrismo, que persiste até os dias atuais e é caracterizado como uma marca de poder hegemônico. Com as bases raciais criadas com a colonização, a população de todos os continentes passou a ser classificadas a partir do padrão de poder europeu. Esse padrão foi naturalizado e cria hierarquias, papéis sociais, delimita identidades e reescreve culturas. E assim, a classificação de raça passa a definir locais que eram definidos geograficamente.

Com a chegada dos ideais abolicionistas que se difundiram nas grandes nações europeias e em suas colônias no século XIX, a abolição da escravatura não foi o suficiente para acabar com o racismo. Pelo contrário, a ideia de racismo ganhou uma nova modelagem, em que usariam inclusive métodos científicos para atestar a superioridade branca em relação a outras etnias. Como exemplo claro do ocorrido, pouco antes da abolição temos a publicação do livro *Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas*, em que o filósofo Arthur de Gobineau (1855) apresentou, de maneira metódica e ensaística, a teoria de supremacia da raça branca. Antropólogos e psicólogos da época utilizaram de estudos de craniometria, usando as informações a respeito das medidas de crânios de diferentes raças para atestar que a população negra é mais propensa a realizar atos de violência, desconsiderando os contextos sociais envolvidos. As teorias da supremacia branca foram utilizadas como justificativa em diversos governos, como o período de governo nazista na Alemanha. Também motivaram o surgimento de seitas como a Ku Klux Klan, nos Estados Unidos, que defendiam abertamente essa hierarquia.

Ao longo da história é possível conhecer e questionar situações excludentes, intimidatórias e violentas praticadas contra negros, em esferas sociais, políticas e econômicas. Em vista dos fatos e dados apresentados sobre suas origens. No Brasil, os atos racistas têm origem na colonização pelos europeus e na escravização dos africanos. A promulgação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, apesar de ter proibido a escravidão no país, não foram implantadas políticas eficazes que visariam à inclusão dos negros recém-libertos na sociedade. Essa falta de políticas dificultou o acesso dos negros a condições básicas de subsistência e ao mercado de trabalho, reafirmando a despreocupação por parte dos indivíduos pertinentes ao grupo considerado superior, contribuindo para uma omissão ao contexto

racista. Portanto, a sociedade, que antes expressava o racismo de maneira explícita, manifestou seus anseios racistas de outras formas, de maneira a perpetuá-lo através de ações institucionais e pessoais que acabam por privilegiar certos grupos sociais e dificultam a inserção de outros. A escola é uma dessas instituições que, como integrante da sociedade e incumbida ao dever de formar cidadãos, não está livre de racismo, ainda que tenha um papel fundamental na desconstrução dos estigmas racistas.

Nesse sentido, tem-se o racismo como uma prática enraizada e estruturada, isto é, o preconceito, utilizando-se da diferença da raça para fundamentar a ideia de que o diferente é inferior, portanto, justificando seus atos discriminatórios.

[...] Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para os indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2019, p.25).

Almeida também traz a ideia de que se pode definir por preconceito racial como o juízo baseado em estereótipos sobre indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias (ALMEIDA, 2019). Esse preconceito, por sua vez, ao levar a prática de discriminação racial, que consiste num tratamento diferenciado, pode ocasionar em diversos conflitos pessoais, até mesmo fatais. O requisito fundamental para a discriminação é a existência do poder, ou seja, o uso da força, com a qual é determinada vantagens e desvantagens a cada grupo com base em sua raça. A discriminação pode ocorrer de maneira direta e indireta. A discriminação direta se caracteriza no repúdio escancarado em relação à um indivíduo ou grupo de determinada raça, como empresas que recusam currículos de pessoas de determinada raça. Já a discriminação indireta é pelo processo em que as necessidades de grupos minoritários são ignoradas e tratadas como irrelevantes, são impostas regras de “neutralidade racial”. A consequência dessas duas práticas ao longo do tempo leva ao fenômeno de estratificação social, que afeta todo o percurso de vida de um indivíduo ou grupo – afetando desde a ascensão social ao seu sustento material.

É possível afirmar que o racismo se materializa em discriminação racial, e se trata de um processo em que as condições de subalternidade e privilégio distribuídas entre os grupos sociais e reproduzidas em parâmetros políticos, econômicos, educacionais e nas relações cotidianas. O racismo por sua vez pode levar à segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em bairros ou à frequência exclusiva para grupos de determinados grupos sociais em

estabelecimentos públicos e comerciais, como hospitais e escolas.

Para entender melhor como o racismo é presente estruturalmente nas relações interpessoais, Almeida buscou conceituá-lo dividindo em três aspectos, sendo eles: o individual, institucional e estrutural. Na manifestação do racismo individual, é evidente a anormalidade e/ou patologia, pois se trata de um fenômeno ético ou psicológico de um indivíduo ou grupo especificado e isolado. Apenas sob esse aspecto se trata somente do indivíduo em si, ou seja, a sociedade não é racista, mas os indivíduos são. A partir dessa ótica, apesar do racismo se manifestar de maneira indireta, ele pode ocorrer em forma de discriminação direta. Como o racismo individual se trata do comportamento, educação e conscientização a respeito do racismo e suas consequências, as formas de enfrentamento desse problema são estímulos e mudanças culturais. No entanto, é necessário apontar que a concepção individualista é frágil e limitada e não deve ser utilizada como base para análises históricas e reflexões sobre o racismo e seus efeitos concretos, já que limita o racismo a aspectos meramente comportamentais.

A manifestação do racismo institucional – encaramos aqui instituição social, de acordo com Max Weber (1895), como corpos sociais formados para promover a integração dos membros de uma sociedade. Por exemplo: a escola e o trabalho são instituições sociais com função de adequar o indivíduo a um modo de comportamento esperado pela sociedade – decorre do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que tem respectiva, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça.

Por fim, o racismo estrutural decorre da própria estrutura da sociedade, estando presente nas relações políticas, culturais, históricas e familiares e suas ações são encaradas pela grande maioria como práticas “normais”, pois já são enraizados desde a infância que as discriminações raciais ocorrem normalmente e não são refutadas. Embora os atos racistas também possam ser encarados individualmente, não deve deixar de considerar que somente na esfera jurídica é encontrada a solução para combater o racismo. Diante desse argumento, o racismo deve ser combatido desde sua prevenção com uma educação antirracista até às mais complexas interações sociais, intermediadas pelo Estado.

2.2 RACISMOS NO CONTEXTO ESCOLAR E O PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Sendo o racismo uma questão estrutural na sociedade brasileira, a escola, como dito antes, desempenha papel de grande importância, tanto para uma possível manutenção do

racismo na cultura social, quanto no enfrentamento antirracista que pode realizar. É na escola que todos os indivíduos participam de uma interação social com a diversidade existente na sociedade. Podemos atrelar essa interação a um processo contínuo, pois começa desde a infância e permeia até o fim do ciclo acadêmico, com a vivência da fase adulta. Ao se encontrar com o que é diferente, desde o primeiro contato ainda enquanto criança, o indivíduo deve ser conduzido à normalidade pelos seus docentes. Entende-se aqui normalidade, como tratamento ou postura a ser encarada com o que é diferente o que é contrário à ideia de discriminação, pois a palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”, ou seja, discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito (GOMES, 2005).

A escola tem uma participação direta na formação do caráter e senso de cidadania dos indivíduos e deve ter em sua organização curricular ações pedagógicas no sentido de combater esses atos discriminatórios. É necessário medidas socioeducativas para mitigar a disseminação do mito da ideia de raças superiores e inferiores e a educação é a principal munição nesse combate social, conforme explica Munanga, em seu livro intitulado *Superando o Racismo na Escola*, na segunda edição no ano de 2005:

[...] Cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. (MUNANGA, 2005, p. 17)

Hodiernamente foi expressa a preocupação de estabelecer referências de conteúdo a serem transmitidos e abordados em sala de aula, para que incorpore o entendimento desde a gênese do racismo até a importância de combater as ações discriminatórias que remetam ao mesmo. Sendo assim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deveria buscar orientar a respeito da implementação da educação étnico-racial nas escolas do nosso país.

[...] Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 9-10).

No entanto, a BNCC (BRASIL, 2018), apesar de se tratar do tema étnico e da diversidade em outros componentes, não o faz de forma a reconhecer o problema do racismo e do eurocentrismo (SILVA, 2018). Essa questão é clara durante a análise do componente Artes, que não chega a mencionar que a cultura hegemônica estadunidense e europeia está

comprometendo a expressão de outras culturas, que acabam sendo consideradas “inferiores” ou “irrelevantes”. Essa questão pode ser observada no trecho do BNCC, que apenas considera a diferença, mas não cita os problemas dessa constante tentativa de apagamento de determinadas culturas e substituição por outras.

O componente curricular [Artes] contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas. (BRASIL, 2017, p. 191).

No documento da Base, o foco não é transformar o aluno como sujeito de transformação da sociedade; praticamente apenas espera-se que ele perceba sua importância. “Espera-se que as crianças percebam e compreendam a dinâmica de suas relações sociais e étnico-raciais, identificando-se com a sua comunidade e respeitando os 25 diferentes contextos socioculturais” (BRASIL, 2018, p. 360). Mas, depois que o aluno perceber que há preconceito, que há racismo, nos meios em que se encontra, no seu dia a dia, que esse aluno que sofre ou já sofreu o racismo ou que o pratica... qual será a postura adequada da instituição de ensino?

Ademais, discutir as questões étnico-raciais não somente perpassa o status de orientação, mas é estabelecida pelo governo a obrigatoriedade do docente de levar às salas de aulas temáticas voltadas à cultura e histórias pertinentes a África, garantidas pela lei 10.639/03. Essa lei é fundamental e importante para a educação antirracista, mas também devem ser implementados meios de fiscalizações pedagógicas para garantir que esta lei seja aplicada.

A Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 tem como principal objetivo o combate ao racismo com a obrigatoriedade de ensino sobre África e de temas afro-brasileiros nas escolas nacionais, assim, enaltecendo a contribuição da população negra para o crescimento e desenvolvimento social, econômico e político da História do Brasil. A BNCC foca na educação nacional como um meio para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, contudo, esta não tem sido uma realidade incontestável quanto à questão “educação antirracista”.

A Base Nacional Comum Curricular não estabelece uma relação consistente com a Lei 10.639, pois as diretrizes e bases da educação nacional referentes à negritude e africanidade não são abordadas com responsabilidade e tenacidade como deveria ser. É evidente que o racismo é um comportamento presente em todo o país e em todos os seus

temas vitais e, nesse sentido, a BNCC deveria se voltar, com bastante empenho, às questões raciais de acordo com a Lei, para que possa cumprir com o seu papel de construir uma sociedade igualitária através da educação, promovendo campanhas e projetos rebuscando pontos pertinentes sobre a população negra, ou afro-brasileira. É importante também que pessoas negras sejam a maioria no comitê de gestores da BNCC para que haja propriedade no discurso e representatividade.

É necessário então que os professores façam adesão cada vez mais de complementar em suas abordagens diárias a representação e discussão de cultura e raça e, ao fazer essas abordagens, o mesmo tem o papel de orientar os alunos a combater o racismo. Entretanto, nota-se o despreparo de uma grande parcela destes profissionais e a omissão de cobrança por parte dos setores de Coordenação, Pedagogia e Direção de Ensino.

Nessa linha de raciocínio, na proposta de Nilma Lino Gomes (2019), temos o movimento negro como uma referência educadora, pois mostra como as diferentes áreas do saber dialogam ou podem dialogar com o Movimento Negro e o que elas têm a aprender com ele. Este movimento tem um importante papel educador por produzir saberes emancipatórios e também por sistematizar conhecimentos pertinentes à questão racial no Brasil. Uma das conquistas do Movimento Negro no Brasil fora a inclusão do racismo como crime inafiançável na Constituição Federal do Brasil e a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tornando obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana. Sendo assim, mostra como os profissionais da educação podem aprender com os exemplos do Movimento Negro Educador e botá-los em prática durante o ensino, inseridos no contexto de educação antirracista.

3 CAPÍTULO II: UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Nesse capítulo objetiva discutir sobre a educação antirracista, dando ênfase à proposta pedagógica em que as escolas, docentes e gestão devem atrelar-se para reprimir todas as atitudes estereotipadas no ambiente escolar. O professor não é o único responsável em promover uma educação antirracista, pois, o racismo é estrutural, ou seja, ele está agarrado à estrutura do sistema. Trata-se de uma questão histórica já explicada no Capítulo 1 e, porque a estrutura do sistema se mantém ao longo dos anos com o racismo impregnado, é necessário que aconteça um processo de reparação histórica institucionalmente organizado para extingui-lo. No entanto, o professor exerce um papel fundamental, já que na escola é esse profissional que tem uma relação direta com os alunos, e por isso pode identificar comportamentos e assim gerar discussões sobre o assunto. Em outras palavras, o professor é a maior parte da solução para que o racismo perca efeito em meio à sociedade.

Não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa. (FREIRE, 1996, p.78-9)

3.1 O QUE É “EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA”?

Educação antirracista é combater toda expressão de racismo na escola e no território. Uma ação que educa não apenas para coibir a disseminação de falas e atitudes racistas e preconceituosas relacionadas à cor da pele. O principal intuito é ensinar sobre a identidade de diferentes povos. A educação antirracista é essencial para a construção de uma sociedade mais equitativa e menos violenta, bem como para combater a exclusão escolar, garantir o direito à educação e o desenvolvimento integral de todas e todos os estudantes.

A escola ainda tem sido uma das propagadoras dessas ideologias racistas. A omissão diante da questão sobre racismo na escola dá espaço para a sua reprodução e perpetuação. Ao mesmo tempo em que não se posiciona diante das relações raciais existentes dentro da escola, docentes também contribuem para esta perpetuação. Assim acaba por naturalizar o racismo. Sendo assim, a solução para combater seria uma educação antirracista com objetivo de ampliar o pensamento ao todo. Para compreender a complexidade a respeito das relações étnico-raciais no ambiente escolar, é prescindível debater os conceitos de raça, racismo, etnia, identidade cultural, pois estes assuntos perpassam a discussão e debate.

3.2 O PAPEL DO PROFESSOR (DE PORTUGUÊS) ANTIRRACISTA

O campo da educação ainda é muito resistente no que se refere a violências e exclusões reproduzidas no espaço escolar, e é importante que o sistema atente veementemente para questões raciais, culturais e de representatividade, além de trabalhar a diversidade como um valor para toda a comunidade escolar. É preciso que a pauta antirracista faça parte das propostas e estratégias pedagógicas da gestão escolar para enfrentar os efeitos e causas do racismo, e, assim, esteja englobada a todas as disciplinas.

A educação linguística do professor de línguas não pode ser somente linguística, ela precisa ser sofisticadamente inter – e transdisciplinar, socialmente engajada, antropológicamente atenta, plural em foco, para incluir os estudos de letramento, os estudos sobre multilinguismo com as questões de intercompreensão e de prática translíngues, os estudos sobre transculturalismo. Essa visão de educação linguística ampliada teria espaço para o conceito de intercompreensão via, por exemplo, prática translíngues. Teria também abertura de espaço, por exemplo, para uma pedagogia culturalmente sensível. (CAVALCANTI, 2013, p.226).

Infelizmente, ao longo dos últimos anos, vivencia-se um retrocesso que tem atingido tais projetos e possibilidades de promoção de um ensino para a diversidade e combate ao racismo. Os docentes, demais profissionais e estudantes em formação, devem continuar com os esforços possibilitando disciplinas, atividades e cursos que instiguem os alunos a descolonizarem e repensarem as suas questões sociais. É imprescindível que todos os docentes estejam em conjunto por uma educação libertadora, plural e antirracista, pois como aponta Ribeiro (2017) e Munanga (2012), temos que trabalhar pelas múltiplas causas, uma vez que não haja uma hierarquia entre as questões minoritárias, e os diversos movimentos sociais estão trabalhando juntos. As causas são de todos para todos. Nesse sentido, é preciso que os educadores tenham olhos e corações sensíveis para ler a diferença como base constituidora da diversidade e democracia. Como afirma hooks:

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e íntimo (HOOKS, 2013, p.25).

E, assim, promover um processo pedagógico que envolva o educando e o educador em uma troca de conhecimentos. O trabalho de Hooks (2013) nos apresenta diálogo e muito

com a pedagogia da autonomia do mestre Paulo Freire (1996), sendo a pedagogia engajada, expressa acima, a continuidade dela.

O educador deve sempre repensar sua aula, sua sala de aula, compreendendo os currículos como dinâmicos e dialogarem a educação antirracista no processo de aprendizagem. Por isso, deve reformular os conteúdos das aulas, problematizando discussões acerca das questões culturais e raciais que são apresentadas nos livros didáticos da língua portuguesa, pois, na maioria das vezes, são discussões estereotipadas e rasas. Tal proposta pedagógica instiga em descolonizar o currículo escolar, e dos envolvidos, possibilitando a superação do preconceito e também desvelando o racismo estrutural. Essa desconstrução, para ter um efeito realmente transformador, não pode depender apenas da ação individual do docente, mas sim ser uma política pública comprometida com o combate ao racismo estrutural.

Deve-se construir uma nação que seja soberana e solidária, em que o exercício da cidadania seja um direito e prática de todos. Essa deve ser uma grande meta do Estado a ser cumprida. E no exercício da cidadania, portanto, da democracia, o direito de ir e vir, e de ser respeitado por sua raça, sendo esta não vista como inferior às outras. É uma das finalidades que a educação escolar, enquanto espaço de educação cidadã, deve se atentar enquanto espaço de aprendizado, que as transformações devem ocorrer de modo planejado coletivamente.

Portanto, é necessário que as instituições escolares, a partir das políticas públicas organizadas como propósitos antirracistas e através do corpo de profissionais da Educação, insiram a temática racial no projeto político pedagógico como umas das questões a serem trabalhadas em todas as instituições e cotidianamente. E passem a pensar, através do coletivo, em estratégias que possibilitem e promovam uma educação antirracista. Trata-se de uma educação que instigue o aluno e principalmente o professor, como a comunidade escolar, a compreenderem a diferença e a diversidade, sendo esta questão enriquecedora para a conscientização de identidades, sejam elas raciais, religiosas, de gênero, etc. Ao valorizar a diferença, passa-se a valorizar e reconhecer o respeito que se deve ter com as pessoas, e em como elas se constroem e reconhecem, seja como pardas, negras, brancas, indígenas, etc.

3.3 A ESCOLA ANTIRRACISTA

Com uma trajetória de permanente exclusão, é imprescindível recordar que os negros não tinham nenhum tipo de direito. O Brasil ainda possui uma grande desigualdade racial, inclusive na Educação. O fardo histórico imposto aos negros não foi reparado. Além que, há

muitos locais que ainda não possuem bom acesso às escolas e que apresentam materiais didáticos ineficientes, com baixa qualidade do ensino e escassez de oportunidades sociais. Fica explícito na desigualdade de acesso, de permanência, de fluxo e de conclusão de ensino entre os autodeclarados pretos ou pardos. A escola precisa construir e reconstruir projetos cujo papel deve ser designado a todo corpo escolar, extrapolando-se, assim, fronteiras da sala de aula, em um trabalho coletivo.

A Educação é a ferramenta mais poderosa para superar a desigualdade racial e, por isso, estabelecer políticas educacionais focadas na população negra é essencial e urgente. Adotar a educação antirracista nas escolas significa rever escolhas que diz respeito não apenas as atividades extracurriculares ou datas comemorativas. É preciso ressaltar a diversidade nas representações em palestras, workshops, debates, livros e murais, por exemplo. É uma atenção que começa na escola, no currículo, nas metodologias e na formação pedagógica dos docentes. O combate ao racismo alcança grande visibilidade quando as escolas abraçam a valorização da diversidade.

No intuito de reverter os estereótipos racistas que as escolas reproduziam, o movimento negro passou a intensificar, nas suas reivindicações, a introdução do estudo da história do continente africano, das lutas do negro no Brasil, da cultura negra brasileira e a sua participação na constituição desta sociedade. A atual expressão desse fato foi à alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 de 1996, que traz referência fundamental para o currículo da Educação Básica, a partir da Lei nº 10.639 de 2003, onde fica estabelecido que:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro- Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra' (BRASIL, 2003).

Entretanto, é preciso que nas escolas existam campanhas educativas que promovam a cultura da solidariedade à população negra. Uma das formas, a fim de solidarizar a sociedade frente às questões apresentadas, é desenvolver uma nova percepção acerca da presença do negro na sociedade brasileira. Para isso, o Estatuto reforça a Lei nº 10.639/03, a formação dos professores, a elaboração de livros didáticos e a ação para datas comemorativas de caráter

cívico. Considerando a Lei, em seu Art. 11º, determina:

Art. 11. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, é obrigatório o estudo da história geral da África e da história da população negra no Brasil, observado o disposto na Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

§ 1º Os conteúdos referentes à história da população negra no Brasil serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, resgatando sua contribuição decisiva para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural do País.

§ 2º O órgão competente do Poder Executivo fomentará a formação inicial e continuada de professores e a elaboração de material didático específico para o cumprimento do disposto no caput deste artigo.

§ 3º Nas datas comemorativas de caráter cívico, os órgãos responsáveis pela educação incentivarão a participação de intelectuais e representantes do movimento negro para debater com os estudantes suas vivências relativas ao tema em comemoração. (BRASIL, 2010)

Essas pautas foram conquistadas graças aos esforços dos movimentos sociais negros, sendo transformada em lei, possibilitando ao educador e a população negra um mecanismo legítimo para luta contra o racismo. As leis instruem a escola a se preparar para auxiliar o educando no processo de construção de sua identidade e o do aluno, favorecendo assim um ensino de qualidade e com equidade.

Segundo Bock (2001), a escola promove a socialização e interação entre sujeitos, possibilitando a humanização dos mesmos. É no ambiente escolar, que os debates sobre a discussão racial serão mediados, sendo este ambiente aquele que, ao longo da História da Educação, legitimou e preservou os discursos racistas.

4 CAPÍTULO III - A PESQUISA REALIZADA

4.1 A CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Devido à pandemia, muitas atividades acadêmicas foram realizadas de modo à distância, de maneira on-line, remota, principalmente grande parte da pesquisa científica, o que nos tornou dependentes da mídia digital. Foi o que aconteceu no caso da presente pesquisa, realizada totalmente de forma remota.

Um questionário com nove perguntas referentes ao tema discutido foi produzido e enviado a dez docentes de escolas públicas e privadas e as respostas mais relevantes foram esboçadas neste, a fim de serem levantadas observações pertinentes para as considerações finais deste trabalho. Algumas perguntas foram respondidas por meio de áudios, os quais foram transcritos, outras foram digitadas e enviadas por e-mail. Para coleta de dados foram utilizados aparelhos celulares que têm sido fundamentais para as pesquisas remotas.

A pesquisa realizada caracteriza-se como uma pesquisa descritiva conforme o que explica Prodanov (2013):

b) Pesquisa descritiva: quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir nele. Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática [...] (PRODANOV, 2013, p. 52).

Ou seja, na pesquisa não houve a interferência do pesquisador, apenas análises dos dados obtidos e a sua relação com o tema discutido, caracterizando, portanto, a pesquisa com natureza descritiva. Além do mais, o procedimento técnico usado para a elaboração da pesquisa foi o questionário que, de acordo com Prodanov (2013), é utilizado quando desejamos conhecer o conteúdo das pessoas por meio de um interrogatório que, nesse caso, deve ser escrito/digitado, enviado e preenchido.

O objetivo da pesquisa é conhecer e compreender algumas das experiências vivenciadas e relacionadas ao racismo dentro do âmbito escolar. A partir dessa entrevista, com as informações fornecidas pelo (a) docente entrevistado (a), permite-se analisar os resultados e, paralelo a isso, desenvolver um método didático que será englobado junto a este trabalho.

4.2 SOBRE A COLETA DE DADOS

Foi feita uma pesquisa autoral, através de um questionário, com caráter qualitativo a respeito de atitudes racistas e, por outro lado, as possíveis atitudes antirracistas. Entretanto, a pesquisa leva em considerações diferentes faixas etárias de estudantes, bem como outras disciplinas abordadas no contexto escolar. Isso porque o estudo parte do pressuposto que a educação e o combate ao racismo não devem somente estar presente em uma matéria específica como, por exemplo, a Língua Portuguesa, mas sim como uma responsabilidade multidisciplinar.

Ao fazer isso, junto com professores de outras disciplinas, as aulas se configuram como fluídas e os conteúdos não serão mais uma evidência (pelo ponto de vista do discente), mas sim um complemento, como qualquer outro assunto a tratar. Nesse sentido, encontram-se imbricados, o ensino de história do Brasil, de história da língua portuguesa, de variedade linguística, entre outros assuntos. Essa didática, em teoria, mostra-se eficaz e, conforme a pesquisa realizada, que será apresentada a seguir, reforça-se a ideia de que deve ser implementada uma educação antirracista multidisciplinar contemporânea.

4.2.1 O questionário e as respectivas respostas

Como dito anteriormente, este estudo trata a educação como intermédio no tangente ao combate às práticas racistas. Nessa perspectiva, apresenta-se, questão por questão, o questionário dirigido aos/às docentes que participaram dessa pesquisa, bem como algumas respostas dadas por eles/elas e os respectivos comentários realizados pelo pesquisador.

Questão 1.

O professor costuma vivenciar situações de racismo em sala de aula? Conte, de forma sucinta, alguma experiência negativamente marcante.

R: “Não costumo vivenciar, mas poderia relatar algumas, por exemplo: um estudante negro se levantou para vir buscar a avaliação na minha mesa e um estudante branco começou a cantarolar uma música de uma novela que diz respeito à vida de escravos (A Escrava Isaura).”

Comentário: É notável que a prática do racismo ocorre de diversas formas, o que pode parecer uma brincadeira inofensiva pode se tornar um ato criminoso, o racismo praticado de maneira

indireta tem o mesmo peso do praticado de maneira direta.

R: “Na educação infantil é mais difícil acontecer essa prática de racismo”.

Comentário: Ao que parece, algumas crianças têm mais facilidade de serem benevolentes a partir do momento em que elas entendem que algumas palavras e atitudes podem ferir a outrem e evitam, principalmente se a questão for racismo.

R: “Sim. Infelizmente, a escola reflete o que a gente vivência fora e isso pode ser observado desde a Educação Infantil, quando um coleguinha não quer sentar ao lado do coleguinha negro. Há situações em que os professores preferem carregar ao colo crianças brancas ao invés de crianças negras.”

Comentário: Esta resposta contradiz, de certa forma, a anterior. O ato de “um coleguinha branco não querer se sentar ao lado do outro negro” mostra uma forma de aversão, o que é o ápice de racismo, toda criança está em fase de aprendizado e ela reproduz o que aprende. Infelizmente, na própria escola o combate ao racismo está debilitado, a cena de um “professor preferir carregar uma criança branca ao invés da negra” significa muita coisa para a criança que observa, e quando ela não é instruída, ela cria ideias.

R: “Em relação à situação de racismo em sala... eu nunca vivenciei uma situação de racismo em sala de aula. Eu sei que existe no ambiente escolar, mas não consegui identificar essa prática nas minhas aulas.”

Comentário: Como foi observado anteriormente, o racismo se realiza de forma direta e indireta, e a forma indireta é sutil, se tornando quase que imperceptível ao observador. Muitas vezes, não identificar uma prática de racismo não significa que ela não exista. Em outros casos, o racismo existente está meramente sendo evitado ou mascarado, ou seja, isso se enquadra no que foi explicado sobre o racismo estrutural, que é um conjunto de práticas que se desenvolveram ao longo dos anos dentro de uma sociedade, tomando espaços na história, na cultura, nas instituições e nas relações interpessoais. O racismo está arraigado à estrutura da sociedade que práticas desse tipo são hábitos que são considerados comuns, o que torna o racismo imperceptível, mas reforça ainda mais e promove a segregação e o preconceito racial.

R: “Sim. Estava lecionando em uma turma de primeira série quando recebi uma aluna branca de sete anos que não escrevia e não lia nada. A aluna parecia aquela criança carente, sempre querendo grudar em mim. A mãe e a avó iam buscá-la na escola. Ao perceber essa situação resolveu tirar a aluna da escola por estar muito grudada com a professora que era muito escura. Só depois de um mês que fiquei sabendo que foi esse o motivo.”

Comentário: É de se esperar que pais brancos desconfiem de pessoas negras por seus filhos brancos estarem apegados a elas, talvez, se a professora fosse branca tudo seria considerado normal, o problema não estaria na professora e sim na criança. Na pirâmide do prestígio social, a mulher preta está na base.

Questão 2

Em virtude das incumbências educacionais dadas ao professor, há algum tipo de medida/ação orientada aos mesmos diante dessa situação-problema?

R: “Sim. Existe uma série de medidas e orientações para lidar com a situação”.

Comentário: Embora o entrevistado tenha noção de que exista, o próprio não especifica quais são as medidas, ou mesmo, dá um exemplo. Isso pode significar alguma coisa, ou não pode significar nada, contudo, não há como negar que tudo o que se refere ao negro precisa ser excluído ou omitido.

R: “Nós trabalhamos (professora da educação infantil) com projetos que visam acabar com a visão racista para que eles já cresçam com a consciência de que todos são iguais”.

Comentário: Isto é um bom sinal do progresso, adotar projetos de combate ao racismo é imprescindível, infelizmente, a criança aprende a fundo o que é racismo nas escolas, se começassem desde casa, talvez as escolas não deveriam ser tão cobradas.

R: “Não vejo.”

Comentário: A maioria das respostas aponta para a ideia de que na prática não há orientações, mas isto já foi discutido, em alguns casos é benevolência, em outros é sutileza.

Questão 3

Em comparação a décadas atrás, quando predominavam os escritos de autores essencialmente europeus, o programa curricular pedagógico atual incentiva a exploração de autores de outras etnias? Quão o professor acha importante ter essa diversificação para engajar os alunos acerca da temática de combate ao racismo? Se o professor responder que não, o próprio incentiva essa diversidade ao trazer conteúdos de autores diversos, mesmo que não esteja pré-estabelecida na grade curricular?

R: “É de extrema importância trazer para a escola leituras de origem afro, entretanto, mesmo com a instauração de leis priorizando tais ações, há dificuldades, ora por parte da própria secretaria de educação, ora por parte dos professores.”

Comentário: A questão é o que dificulta a aplicação de leituras de autores de outra etnia senão o próprio racismo estrutural e institucional? O racismo mexe com o psicológico e oprime, o que acarreta na falta de motivação do professor para combatê-lo. A Secretaria de Educação – e também o Ministério da Educação – não organiza e institui políticas públicas de Estado em relação ao quesito “racismo” pelo fato de estar debaixo da hegemonia de um sistema racista e obedecer a comitê não antirracista. Não cabe ao professor mudar o sistema, somente fazer o possível para impugnar o racismo dentro da sala de aula.

R: “A algum tempo atrás tinha certa predominância de escritores europeus. Hoje já existe uma discussão muito mais ampla de escritores predominantes no currículo e isso é de extrema importância para que a gente possa valorizar e ter conhecimento das diversas origens étnicas dos escritores, suas histórias e suas narrativas.”

Comentário: É verdade que discutir sobre o assunto é de extrema importância, mas alguma coisa precisa ser feita, pois, escritores brancos e europeus continuam predominantes.

R: “Incentiva, mas ainda não bem explorado. Penso que seja muito importante porque só conhecendo as histórias do nosso povo é que vamos combater esse racismo perverso. Eu, enquanto professora, levo para sala contos africanos, levo reportagens de pessoas negras que vivem no anonimato e tento resgatar as histórias dos nossos antepassados.”

Comentário: Esta professora teve a melhor transmissão de conhecimento antirracista aqui observado, ainda assim com um ponto negativo: pois afirma que a questão não é bem explorada. Como dito outrora, o racismo oprime e a repressão parece ser mais forte que a resistência. Observando isto, percebe-se que o combate ao racismo nas escolas tem sido uma prática individual, pois as políticas públicas não dão o apoio necessário, e o professor acaba tendo que enfrentar algumas barreiras para que a sua contribuição faça uma grande diferença.

R: “Eu vejo que a gente tem avançado. Os programas escolares tem ainda uma tradição eurocêntrica e estadunidense [...] mas eu vejo cada vez mais o movimento de trazer autores de outras etnias. É fundamental que cada vez mais os professores ressignifiquem e tragam outras visões de mundo”.

Comentário: ressignificar é uma palavra-chave para o que está a ser discutido, principalmente, ressignificar termos e ideias racistas, contudo, ainda não está satisfatório, uma vez que isso não é aplicado em outras escolas, além do mais, o eurocentrismo vigente torna as questões raciais um tema recessivo.

Questão 4

Em suas atividades docentes, estão presentes assuntos relacionados à negritude (identidade racial, racismo, discriminação etc.)? Em caso positivo, conte alguma situação negativa vivenciada, por parte dos alunos, de docentes ou da gestão escolar, ou até mesmo de pais de alunos, ao abordar essas questões.

R: “Não somente na área das humanidades, as demais áreas de modo geral, a questão da identidade racial, do racismo, da discriminação, questão da pauta da mulher, como violência contra mulher, [...] devem ser trazidas para a escola os problemas da realidade, trazer discussões sérias e não somente.”

Comentário: Aparentemente, não ocorreu prática racista nesse caso.

R: “Em uma atividade que fui falar sobre a religião de matriz africana, mostrando alguns orixás, uma aluna evangélica disse que não estava na sala para aprender aquilo. Eu respondi que a porta estava aberta se ela não estava se sentindo bem poderia sair e retornar mais tarde.

Na aula seguinte mostrei para ela que minha aula estava respaldada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais”.

Comentário: A intolerância religiosa ocorre majoritariamente contra a população negra, é óbvio, mas o problema nem sempre está na religião, mas sim nos religiosos quando não são educados a respeitarem as diferenças num país laico. As religiões afro-brasileiras vêm sofrendo diversos ataques racistas durante anos justamente porque são religiões oriundas de população negra, e essa é uma questão histórica que ainda está longe de ser reparada. As religiões de matrizes africanas foram fundadas por pessoas pretas, e quando alguém do candomblé é discriminado por causa da sua religião, ocorre o racismo religioso, por isso, é fundamental que a disciplina Religião nas escolas sejam obrigatórias e que sempre procurem desassociar tais religiões à negatividade.

R: “Sim. Na minha prática eu sempre busco trazer sobre raças, etnias, etc. e não me recordo de em algum momento ter trazido alguma negatividade. Muito pelo contrário, são momentos que os colegas apoiam e não se lembra de nenhum momento ter ocasionado em alguma discórdia”.

Comentário: Não é em todos os casos que alguém se manifesta contra assuntos relacionados à negritude, entretanto, vale ressaltar que nem todos vão expressar a sua negatividade quanto aos assuntos como no caso da resposta anterior.

Questão 5

As leis nº 10.639 e nº 11.645 são amplamente discutidas na formação docente, inicial e continuadas? E na escola? O que, em sua visão, estaria faltando para uma implementação mais satisfatória dessas leis?

R: “Sim. Essas leis são debatidas, mas ainda não amplamente e esse seria, em minha opinião, o primeiro passo: incluir nos cursos de formação inicial e continuada uma discussão ampla e verdadeira a respeito dessas leis e suas aplicabilidades. Eu vejo ainda uma informação muito superficial e teórica das leis, mas não da sua aplicação”.

Comentário: O conhecimento da lei é algo bastante prestigiado, então é necessário que nas

escolas, principalmente públicas, ensinem sobre as leis que condenam o racismo. Entretanto, são as instituições que vão mudar o sistema racista, já que o racismo é estrutural, a partir de uma ação institucional, o racismo pode vir a ser atenuado até sua extinção nos diversos segmentos da estrutura, pois está também na sociedade, na cultura, nos comportamentos, nas ideias, entre outras, e é sustentada pela elite que gere o país.

R: “Eu não vi um debate amplo na minha formatura e vejo que hoje tem muito mais iniciativas referentes a isso. É fundamental que haja mais reflexões e inclusão no currículo oficial da temática e cultura afro-brasileira, mas não como algo de responsabilidade apenas das humanidades e da língua portuguesa, mas deve ser encarada também como debates transdisciplinares.”

Comentário: O que mais se destaca na resposta acima é a ideia de o tema ser debatido em todas as disciplinas, isso geraria um impacto muito maior do que seria proposto. É importante que o Currículo Oficial seja organizado com conteúdos que tragam temáticas relacionadas a uma educação antirracista, embora ele seja estruturado a partir da BNCC, o currículo não é algo estático, ele pode ser adaptado à realidade de cada instituição de ensino, pública ou privada, em seus projetos pedagógicos.

R: “As leis estão aí e existem, porém, só esperar chegar semana da consciência negra para trabalhar temáticas direcionadas a cultura afro-brasileira e indígena. Enquanto isso continua acontecendo nossos alunos não terão acesso significativo a sua história e cultura.”

Comentário: As palavras-chave da resposta acima são “acesso significativo”, porque, para que o aluno dê importância ao tema discutido, é preciso que seja um tema discutido diariamente e que seja aplicado de uma maneira que o aluno possa absorver e reproduzir.

R: “Como disse antes, ainda vejo certa dificuldade em discutirmos essa Lei, pois temos profissionais que se acham descendentes de portugueses e tem dificuldade em trabalhar o ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas. A escola ainda desconhece a Lei 10.639 por puro preconceito, também. Falta um investimento na formação de profissionais que discutam verdadeiramente as relações étnico-raciais para que quebrem essa barreira, valorizando e respeitando as pessoas negras.”

Comentário: Verdadeiramente, o preconceito e o racismo vetam a disseminação de informações que contribuem para o combate ao racismo, enquanto esse sistema não for quebrantado, haverá sempre impunidade para tal crime. Pelo fato de as escolas (sem generalizar) ainda desconhecerem as leis que combatem o racismo, acabam se curvando à pressão do sistema e se tornando ambientes onde também se propaga o racismo. Ambientes onde se deveria ensinar ações contra o racismo, mas que, no entanto, se tornam mais um lugar onde ele é alimentado e nada é feito para que isso seja extinguido. As escolas deveriam ser o último lugar onde o racismo pudesse ser também institucional.

Questão 6

Quanto ao preparo para lidar com as situações-problemas envoltas do racismo, o professor sentiu um déficit em sua formação acadêmica?

R: “Senti sim. Na minha formação não teve nenhum tipo de treinamento/educação para essa problemática. Vim desenvolver depois paralelo às questões pessoais e profissionais que aconteceram na minha vida”.

Comentário: Isso revela o quanto eram banalizadas as questões raciais, como se fossem irrelevantes, até a atualidade estima-se que apenas 30% dos professores de ensino superior são negros, também podemos dizer que o estigma criado sobre ser professor no Brasil contribuiu para que menos estudantes decidissem seguir a carreira, principalmente a população negra que toma o pódio da classe pouco ou não escolarizada.

R: “Com certeza. Eu fui aprendendo lidar com o dia a dia. A academia quase que não discutia. Hoje sim, vejo que as universidades estão cada dia se envolvendo com esse tema.”

Comentário: A maioria dos professores formados há alguns anos aprendeu a se prepararem sobre questões raciais, da negritude, com a própria vivência no âmbito escolar.

R: “Hoje há um preparo maior que há uns quinze anos atrás, mas sempre é tempo de avançarmos, pois as amarras do racismo estão cada vez mais fortes. Além disso, cabe ao professor pesquisar, estudar e conhecer para poder passar aos seus alunos.”

Comentário: A ideia deixada pelo representante da resposta acima é de suma importância para um ensino mais prático sobre questões raciais, já que esse déficit no preparo para o racismo na escola ainda está vigente.

R: “Minha formação não trouxe esse debate. Não trouxe o processo de estratégias para identificar situações de racismo no ambiente educacional e consequentemente adotar medidas.”

Comentário: Como já dito, existe um racismo mais sutil atualmente, o que faz com que dificulte a sua identificação, e o preparo para essa ocasião necessita mais do que nunca ser aplicado.

Questão 7

Ademais, o professor já presenciou algum/ alguma colega de trabalho tendo uma postura racista no ambiente escolar? Se sim, como procedeu? Se não, como procederia? Qual deve ser em sua opinião, o papel dos representantes do corpo docente, seja o diretor ou setor pedagógico, diante de uma ocorrência como essa?

R: “Assim como nas minhas aulas, eu ainda não presenciei, mas caso eu presenciasse eu iria assinalar esse docente que ele estava cometendo uma atitude que é crime e iria denunciá-lo, pois não é um tema que podemos deixar passar ou “passar pano”. A gente precisa ter ações efetivas de combate ao racismo e uma das principais ações quando ocorre um ato racista é que isso seja denunciado”.

Comentário: é fundamental que haja denúncias contra o racismo, como disse o professor, é um assunto qual não se pode “passar pano”, não pode fingir que não aconteceu e seguir em frente, pois, quanto mais denúncias ocorrerem, a justiça para a população negra ganha mais espaço.

R: “Seja no ambiente escolar ou fora dele, todo o ato de racismo deve ser combatido e ai cada ata e ambiente vai dizer os seus encaminhamentos e até mesmo jurídicas, mas sim já presenciei e tive que intervir de forma dialógica e sugestiva, em busca da sensibilidade e conscientização”.

Comentário: É notável que a sensibilidade e a conscientização vem sendo aplicada por muitos anos no combate ao racismo e não tem tido sucesso, é necessário que haja um método mais rigoroso.

R: “Eu já presenciei um comentário racista de uma colega professora, mas não estávamos no âmbito escolar e não pude intervir nisso.”

Comentário: Ao contrário do que o autor (a) da resposta pensou, podia e deveria intervir, racismo é crime, e mesmo a lei mostrando que é crime, nada se faz para que sejam aplicadas medidas contra tais atos, pois, ainda existe um medo da pessoa branca intelectual, o que trás a ideia do colonialismo.

R: “Sim. Falou de um aluno que tinha “cabelo duro”. Seja lá quem for e tiver uma atitude como essa, principalmente na escola, questionará e mostrará a ele que racismo é crime. Dessa forma o indivíduo estará falhando ao invés de educar.”

Comentário: O docente tomou as melhores das atitudes, o racismo nunca deve ser deixado passar, por menor que pareça o grau criado pela sociedade, pois, existe uma ideia de que racismo branco não prejudica.

R: “Já presenciei várias vezes, inclusive na sala que estava estudando no Mestrado. E a minha atitude foi olhar para a colega que ofendeu ao meu colega e dizer pra ela que aquele espaço querendo ou não, era nosso e me retirei junto com os outros que abominaram a atitude dela.”

Comentário: Além de ser repreendida, a pessoa praticante do racismo deveria ser denunciada às autoridades e removida da sala de aula, pois, a impunidade gera a ideia de poder, quanto menos impunes mais racistas acreditarão que não serão subjugados pela lei.

Questão 8

Analisando toda a sua experiência profissional, acha difícil debater acerca do racismo em sala de aula? Acredita que haja diferenças na maneira que o debate é conduzido entre escolas privadas e públicas? Em que medida?

R: “Eu não tive acesso à realidade das escolas particulares para responder com precisão. Mas cada vez mais observo uma preocupação de um modo geral da sociedade e isso reflete na educação, seja pública ou privada, para que haja uma educação antirracista. No meu olhar inicial, eu tenho uma hipótese de que esse tema é mais trabalhado no universo público.”

Comentário: Ao que parece realmente questões antirracistas são mais debatidas em instituições públicas de ensino, o que é um problema, pois, a maioria dos estudantes de escolas particulares e públicas é branca, e questões raciais precisam ser mais abordadas no meio da população branca, veementemente, porque o racismo é, principalmente, sustentado pela população branca.

R: “Sobre a realidade das escolas privadas eu não sei dizer”.

Comentário: mesmo que não seja de escola privada, é importante que o professor saiba sobre como o racismo é propagado nas instituições de ensino e aprendizagem e, principalmente, se posicione contra.

R: “Hoje é lei e precisa trabalhar a desmistificação do racismo em qualquer âmbito. Mesmo que haja uma disparidade na quantidade de alunos negros na rede pública e privada, não é difícil trabalhar nem em um espaço nem em outro”.

Comentário: Como o (a) autor (a) observou, há uma ideia em meio à sociedade de que não existe racismo no Brasil, essa ideia se propaga com o intuito de o crime de racismo ser praticado sem qualquer penalidade.

R: “Não acho difícil por minha parte. Entretanto, nas escolas privadas o debate quase não existe. Quando acontece, é muito sucinto. Não são pessoas que estão sofrendo na carne.”

Comentário: Outro problema que vale ressaltar é o tema racismo ser discutido e palestrado por pessoas brancas e sendo enaltecido pela mídia. Apesar de ser muito importante (e necessário) que a população branca fale sobre isso cotidianamente e pregue contra o racismo, é muito mais importante que a mídia dê enfoque aos negros sobre o tema por causa de representatividade e do lugar de fala, pois, não expor o negro falando é um somente mais um ato de racismo.

R: “Chegamos até aqui com muitas conquistas no tocante a combate ao racismo. São leis e muitos estudos, buscando diminuir suas marcas na nossa sociedade. Quando se fala em realizar um trabalho pedagógico partindo desse tema, pode-se notar que a escola pública, mesmo com as suas dificuldades, trabalha de maneira bem mais encorpada que as escolas particulares.”

Comentário: Isso acontece justamente pelo fato de pessoas brancas serem a maioria a ocupar os espaços acadêmicos na sociedade, e é inegável que nos espaços públicos fala-se mais sobre o assunto.

Questão 9

Sabendo-se que a educação compreende um alicerce formado pelo aluno, pais e escola, qual a postura que os pais devem adotar, em conjunto com o profissional educador, para alcançar melhores resultados no combate ao racismo?

R: “Para que os resultados sejam positivos, deve haver uma harmonia entre os pais, os alunos e os profissionais”.

Comentário: Essa harmonia supracitada precisa de manutenção porque o racismo a todo o momento se perfaz.

R: “ O projeto Pedagógico da escola deve traçar ações voltadas ao combate do racismo. Não é só trabalharmos com o aluno, pois ele volta para casa e há um choque de informações e vivências quando não se leva isso a sério.”

Comentário: Em concordância com o (a) autor (a) acima, há um choque de informações com o que o aluno aprende na escola e aprende dentro de casa, e o aluno às vezes se questiona a quem deve obedecer. Se nem mesmo na universidade as questões de racismo não eram abordadas, o que as pessoas que não foram para a faculdade aprenderam sobre o tema seria basicamente nulo. Os pais precisam ser inseridos nos projetos pedagógicos em conjunto com a escola com o propósito de fazer com que haja melhores resultados no conhecimento sobre o tema “negritude” e no combate ao racismo, mas sempre dando enfoque ao aluno para que ele não perca as informações dentro de casa.

R: “Eles precisam compreender que a escola trabalha com um currículo descontextualizado, que muitas das vezes desrespeitam a história dos sujeitos. Precisam dar as mãos aos professores, serem mais presentes nas reuniões e entender o que é ensinado para seus filhos. Mesmo aquele que não detém do conhecimento padrão que tenha diálogo”.

Comentário: Grande parte da população que não teve uma boa escolarização é negra, e com conhecimentos empíricos essa população aprendeu sobre o racismo, a proposta de fazer com que os pais participem de reuniões e palestras que abordem o tema é de suma importância.

R: “É necessária uma integração entre instituição escolar, seus professores e trabalhadores da educação de modo geral com os pais e responsáveis. Cada vez mais é fundamental que tenhamos uma iniciativa que estabeleça esse vínculo, porque não bastam apenas os profissionais da educação trazerem essa temática para sala de aula se não há o diálogo com as famílias dos estudantes e até para que as mesmas possam identificar atos racistas”.

Comentário: Como diz o ditado: Não basta ter uma educação não racista, ela precisa ser antirracista. Dessa maneira, o combate ganha força, pois, uma pessoa que não é racista, mas não se manifesta contra o racismo, acaba compactuando com ele.

4.2.2 Dados e análises

A maioria das respostas para a primeira pergunta indica uma inexistência de práticas racistas no âmbito individual, enconbertas pela estrutura. Entretanto, há situações esporádicas e muitas marcantes relativamente ao racismo, no modo pejorativo da palavra. Sendo assim, mesmo que não ocorra, em algumas ocasiões e escolas, de forma frequente, ainda assim há situações que marcam de forma negativa a vida e o psicológico da vítima do racismo. É importante destacar que essas práticas não são evidenciadas por alguma questão que merece maior aprofundamento investigativo que, talvez, revele nuances de atuação do racismo estrutural.

Foi dada como exemplo, através de um dos professores entrevistados, a seguinte situação: um estudante negro que, na medida em que se levantou para fazer a retirada de sua avaliação na mesa do professor (que também é negro), outro estudante desta vez branco começou a cantarolar a música Retirantes, de Dorival Caymmi, tema da Novela: Escrava Isaura, fazendo alusão à escravidão. Aproveitando do relato para responder a segunda

pergunta, o docente entrevistado falou que tomou as devidas providências, no limite do permitido pela escola, a fim de evitar com que tal situação se repetisse. Além disso, o mesmo docente explicou que racismo na educação, sobretudo em sala de aula, há orientações e medidas para combater práticas antirracistas.

Quanto às repostas dadas à terceira pergunta, evidenciou-se que houve uma evolução quanto às origens étnicas dos escritores abordados em sala de aula. Entretanto, nota-se ainda que é uma evolução tardia e incipiente. Essa informação reforça a ideia de que deve haver uma melhor orientação pedagógica aos docentes e, sobretudo, quando ainda durante sua formação, a fim de prepará-lo melhor para as possíveis situações-problemas da temática apresentada.

Os professores buscam levar para sala de aula elementos culturais a respeito da negritude, entretanto não é algo regular. Evidencia-se esta crítica na data comemorativa da Consciência Negra, pois são nesta data que são atribuídas as histórias e outros elementos da etnia em questão, ou seja, em outros momentos não são levados com muita frequência tais elementos.

A análise vale para a resposta da questão seguinte, pois, embora essas leis sejam debatidas, as mesmas não estão inclusas, em termo de legislação, a respeito delas e suas aplicabilidades. Há informações superficiais e teóricas a respeito das aplicações das leis para fins didáticos. Além disso, há um déficit evidenciado pela maioria dos profissionais, em que ressaltaram que em suas formações não houve incentivo à formação de senso crítico quanto à forma de lidar ao se deparar com uma prática racista. Alguns buscam essas orientações em outros meios, tais como profissionais e pessoais, pois todo ato de racismo deve ser combatido, independente do ambiente.

No âmbito escolar, deve haver um debate prévio de caráter dialógico e pacífico, a fim de prevenir que os próprios docentes estimulem, indiretamente, as práticas racistas. Pertinente à pergunta de número 7, alguns entrevistados relataram manifestações racistas vindas de colegas de profissão e utilizaram, previamente, do diálogo para lidar com a situação e que, em alguns casos, ocasionou em requerimento de processo administrativo.

Quanto à questão 8, a maneira de combater mais mencionada se refere à formação do docente (nesse sentido, as coordenações dos cursos superiores, responsáveis por formar os futuros profissionais, devem promover ações que gerem debates, bem como expor toda e qualquer medida/orientação/aplicabilidade da lei antirracista/métodos didáticos, dentre outras ferramentas de ensino). Entretanto o combate ao racismo ainda se configura como algo problemático, controverso, polêmico, dentre outros termos atribuídas nas repostas. As

escolas privadas, segundo os entrevistados, têm suas peculiaridades.

Os pais ou tutelares dos discentes devem procurar dialogar melhor com as escolas, a fim de obter uma boa relação interpessoal o que, por conseguinte, torna fluído a temática. Sendo assim, leva-se à facilitação no processo de aprendizado mútuo, bem como, supostos registros de casos e buscar melhores resoluções de possíveis problemas envolvendo seus filhos. Cabe à escola propor esse diálogo.

5 CAPÍTULO IV: PROPOSTAS PARA UM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NUMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA

Nesse capítulo serão apresentadas algumas ideias/propostas didáticas para os professores de língua portuguesa, com o intuito de contribuir no tratamento das perspectivas antirracistas no espaço escolar. Nesse sentido, descrevem-se algumas ideias de ensino que possam ajudar a desconstruir e combater o racismo na melhor forma, que é utilizando a educação. Agindo assim, reconstitui-se uma autoestima e, ao mesmo tempo, promove-se uma conscientização no âmbito escolar.

5.1 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NUMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA

A sequência didática, conforme Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2004), é um conjunto de atividades amarradas a um conteúdo, estruturadas para realização de certas atividades educacionais com o objetivo de usar essas atividades para enriquecer o trabalho do docente e do aluno, permitindo o ensino da oralidade e da escrita. Portanto, criando uma estimulação e, ao mesmo tempo, uma construção de conhecimento no processo de aprendizagem do aluno, a sequência é considerada uma ferramenta fundamental na organização do conteúdo didático. Sendo assim, atividades planejadas e articuladas entre si são organizadas dentro de uma estrutura-base, conforme apresentado a seguir.

a) Apresentação da situação

Segundo os autores, “Após uma apresentação da situação na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar, estes elaboram um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que corresponde ao gênero trabalhado; é a primeira produção”. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, P.98)

b) Produção inicial

Já a produção inicial configura-se como “[...] o primeiro lugar de aprendizagem da sequência. Com efeito, o simples fato de "fazer", de realizar uma atividade delimitada de maneira precisa constitui um momento de conscientização do que está em jogo e das

dificuldades relativas ao objeto de aprendizagem”. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, P.100)

c) Modulo um, modulo dois, modulo n

Ainda de acordo com os autores, é muito importante que cada módulo da sequência proponha “[...] atividades as mais diversificadas possíveis, dando, assim, a cada aluno a possibilidade de ter acesso, através de diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, deste modo, suas chances de sucesso”. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, P.104)

d) Produção final

Finalizando a sequência didática, a orientação dada pelos autores é de que ela seja “[...] finalizada com uma produção final que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e instrumentos elaborados separadamente nos módulos. Esta produção permite, também, ao professor realizar uma avaliação somativa”. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, P.106)

Esse esquema sugerido pelos autores se aplica ao processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais claro e objetivo para se aplicar ao aluno. Portanto a sequência é considerada como um momento de reflexão para o professor, visando como o aluno poderá interagir com as atividades planejadas no decorrer da unidade/semestre, com o objetivo de promover uma interação entre todos envolvidos, e contribuindo para que o aluno domine melhor a escrita e a fala, para que possa ser utilizada em um momento adequado, em uma situação de comunicação conveniente.

5.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA PROPOSTA

Sequência didática: “Alfabetização e Letramento na perspectiva da Educação antirracista no contexto escolar.”

Este trabalho tem como objetivo mostrar uma Sequência Didática para uma turma de 9º ano do ensino fundamental e ao mesmo tempo trazer como colaboração umas propostas para docentes de língua portuguesa numa perspectiva antirracista no contexto escolar. Onde iremos discutir as diretrizes das bases curriculares, as Leis 10.639/03 e 11.645/08, Educação

antirracista, gênero textual, práticas de leitura e letramento literário. Para tanto, consideramos que a turma é de uma escola sediada município de Candeias BA e que as aulas desta Sequência Didática ocorrerão no início do ano letivo.

Para o desenvolvimento desta Sequência Didática será necessário à carga horária de 300 min ou seis aulas se considerarmos cada aula com duração de 50 min. Algumas atividades poderão ser adaptadas a depender da disponibilidade da escola em conceder materiais como fotocópias, computadores e acesso a internet, porém, a Sequência levará em consideração um ambiente de sala de aula ideal.

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

Após apresentação prévia entre professor e alunos, iniciar um breve diálogo com a turma. E logo após será lançado à turma, a pergunta: O que é poesia? Com intuito de promover uma interação entre a turma, buscando proporcionar uma discussão entre professor e alunos.

- Dizer aos alunos o significado do que é poesia, trazer como referência a carreira artística da atriz, escritora e poeta **Cristiane Sobral, apresentado nomes de algumas das suas obras individuais;**
- Por meio da metáfora do espelho, as/os estudantes serão convidadas/os a escreverem uma poesia inicial acerca de sua autoimagem.

PRODUÇÃO INICIAL

Logo após os /as estudantes terminarem a sua produção do poema, todos serão convidados a fazer a leitura do seu poema, compartilhando com a turma a sua produção escrita.

- Dessa forma será trabalhada a oralidade e escrita dos estudantes.

MODULO 1 – Reconhecimento do Gênero Textual

Reconhecimento do gênero textual

- Fazer a leitura junto à turma do conto “*Cauterização” de Cristiane Sobral. Após a leitura solicitar que os alunos, em equipe, iniciem um breve diálogo, apresentando aspectos importantes do conto e diferentes formas de linguagem empregada no texto.

¹ *Cauterização, de Cristiane Sobral, foi publicado pela primeira vez nos Cadernos Negros em 2009.

MODULO 2 - Trailer do filme: Felicidade por um fio

- Utilizando o projetor e o computador da unidade escolar, fazer a projeção do trailer original do filme Felicidade por um fio;
- Abordarei pontos importantes do filme, associando a ideia do preconceito, a liberdade, à autoaceitação, a buscar do amor do próprio;
- Como atividade, solicitarei que os alunos/as assistam em casa ao filme completo, para que possam compreender melhor o que foi abordado em sala.

MODULO 3 – LARISSA LUZ - CLIPE BONECAS PRETAS

- Dando continuidade, utilizando ainda o reprojektor, passar o videoclipe de Larissa Luz “Bonecas pretas”. Esse clipe com certeza vai prender a atenção de todos, logo mais abordarei o resumo do clipe, trazendo suas principais ideias: Clipe de Larissa Luz começa com uma notícia alarmante no ‘Jornal Luz’: bonecas pretas sendo vendidas nas lojas de Salvador. Durante entrevista com uma jornalista, um pai afirma não ter conseguido comprar o brinquedo, devido à grande demanda de quem busca representatividade. Ele afirma ainda que espera, no final de 2018, adquirir uma boneca que se pareça com sua filha.

MODULO 4 – Lei 10639/03 - Que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

- Aborda toda história e o objetivo dessa lei, sua importância, como esta sendo vista e trabalhada na atualidade no contexto escolar;
- Como atividade, os alunos iriam escrever um texto de uma lauda, abordando os pontos mais importantes da lei 10639/03, pontuando o principal objetivo e pontos importantes.

Produção Final: Leitura da Poesia

- Como avaliação os alunos iriam escrever uma nova poesia, e depois fazer a leitura da mesma para a turma;
- E para finalizar, as colegas docentes, convidaram as alunas para fazer o penteado (turbante) e logo após todos serão convocados a colocar sua poesia no mural da sala, e por fim faremos uma sessão de fotos para registrar esse momento maravilhoso que vivenciamos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tem uma grande responsabilidade com a sociedade na questão da formação de cidadãos que compreendam como o sistema funciona, como está estruturado esse sistema, o que o racismo faz com a população negra e tenham capacidade para confrontá-lo. É necessário que dentro do currículo oficial tenha um enfoque maior e mais abrangente sobre o racismo, que mostrem a realidade da população negra, sobre o que ela enfrenta em seu cotidiano há décadas. É importante que todos os componentes curriculares de ensino abordem questões raciais, que mostrem químicos, físicos, matemáticos, cientistas, historiadores, geógrafos, professores, entre outros profissionais da educação que sejam negros (as), para mostrar a contribuição da população negra para a ciência e para a sociedade. Quando a escola forma cidadãos antirracistas, isso vai colaborando para que o combate ao racismo ganhe mais força e se espalhe, mesmo que seja paulatinamente, porém, de maneira gradativa.

Diante do trabalho exposto, o/a profissional da língua portuguesa precisa estar em constante desenvolvimento em termos de competência linguística, necessariamente incluindo nesse processo os entendimentos sobre história, sociedade, planejamento e política linguística. Esse/Essa profissional deve buscar orientação e/ou especialização numa perspectiva antirracista, em prol de ter um engajamento nesta luta, a fim de ajudar a escola, o corpo pedagógico e os docentes no que tange à orientação antirracista destinada aos discentes. Essas orientações têm caráter educacional e não punitivo, seguindo uma pedagogia libertadora, através de campanhas conscientizadoras, atreladas ao que é lecionado em aula (pelo docente). Nesse sentido, haverá um efetivo comprometimento com uma questão social tão relevante como é o racismo, em que o coletivo escolar estará promovendo uma educação de combate ao racismo.

Vimos no primeiro capítulo como surgiu o racismo, ou, como ele se propagou pelo mundo, quando os europeus decidiram escravizar a raça negra defendendo a ideia da sua supremacia como raça por causa dos seus fenótipos e da sua pouca melanina, da sua civilidade, da sua tecnologia, entre outras questões. Isso estabeleceu uma ideia de que pessoas com bastante melanina seriam sem alma e que deveriam ser escravizadas para serem civilizadas e salvas de sua suposta condição selvagem. Quando muitas dessas ideias foram refutadas, tentaram explicar de outra forma como a escravização deveria continuar, ou porque os negros e as negras mereciam ser escravizados. Entretanto, a verdade é que o racismo reina, e não há justificativas existentes que possam sustentar essa prática.

No segundo capítulo, foi abordado sobre propostas antirracistas que são

extremamente importantes para serem aplicadas nas escolas, pois o racismo, a cada período que passa, encontra uma forma de ser praticado, dada a sua condição estrutural na sociedade. A cada passo para a evolução da humanidade, os meios evoluem e as ideias são adulteradas para que se passem como inofensivas, ainda que ofendam e agridam toda uma raça. A aplicação de uma educação antirracista serve tanto para o professor quanto para o aluno, além do mais, reflete dentro das casas desses alunos que são instruídos para disseminar o combate ao racismo. Isso já seria uma boa cooperação para que os pais e familiares também sejam instruídos. Sobretudo, o ensino antirracista contribui para a identificação do racismo no âmbito escolar, vulgarizado de maneira direta e indireta. Desse modo, melhora a percepção de atos racistas que estão modernizados, como por exemplo: falas racistas com “humor” com o intuito considerá-lo “*mimimi*”, que é um termo moderno de conotação pejorativa para remeter a falácia e ao vitimismo. Dessa forma, o racismo é ridicularizado e apagado, dando vazão à ideia de que racismo não existe, entre outras inverdades.

Através deste trabalho, proponho que haja uma implementação de assuntos antirracistas, seja em unidades, semestres ou trimestre, em todas as disciplinas das escolas públicas e privadas, entendendo ser o antirracismo um compromisso interdisciplinar do sistema educacional. Proponho também que haja uma disciplina no ensino primário voltada apenas para questões raciais, pois, desta maneira, o Brasil caminhará mais rápido para se tornar um país igualitário e antirracista. Também, deste modo, auxiliaria no processo da reparação histórica e principalmente no processo da aprendizagem em relação à representatividade, já que a população negra é maioria no Brasil.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- BOCK, A. M. B.; AL, E. **Psicologia Sócio - Histórica**. São Paulo: Cortêz, 2001
- BRASIL. **Lei Imperial nº 3.353, de 13 de maio de 1888 | Lei Áurea**, dispõe sobre a extinção da escravidão no Brasil. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/385454> [http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/385454 Acesso em: 10 de jan. de 2022.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html#:~:text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=%C2%A7%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disciplina,trabalho%20e%20a%20pr%C3%A1tica%20social>. Acesso em: 10 de jan. de 2022.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, dispõe sobre a inclusão obrigatória do tema “História e Cultura Afro-Brasileira” nas escolas nacionais. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm Acesso em: 23 de dez. de 2021.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília 2018.
- CAVALCANTI, M. C. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translínguas. In: LOPES, L. P. D. M. **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.
- CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem & Ensino**, v. 1, p. 101 - 122, 2005.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa (coleção leitura). São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GAUDIO, Eduarda Souza. **RESENHA DO LIVRO “O QUE É RACISMO ESTRUTURAL?”** by Silvio Almeida. Revista Humanidades e Inovação v.6, n.4 – 2019. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/85565/resenha-baseada-no-livro-racismo-estrutural-de-silvio-de-almeida> Acesso em: 24 de dez. de 2021.
- GOBINEAU, Arthur de. **Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas**, (1915) [1853-55]. The inequality of human races (em inglês). Londres: William Heinemann. 248 paginas.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por

emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso?. **ABPN**, p. 6 -14, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília, 2005.

OLIVEIRA, Elida. **Acesso de negros a escolas cresceu na última década, mas ensino da cultura e história afro-brasileira ainda é desafio** - 2020.
Disponível em

<https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/educacao/noticia/2020/11/20/acesso-de-negros-a-escolas-cresceu-na-ultima-decada-mas-ensino-da-cultura-e-historia-afro-brasileira-ainda-e-desafio.ghtml> Acesso em: 31 de dez. de 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Rio Grande do Sul, 2013.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. CLACSO: Buenos Aires, 2005.

SILVA, Jane Claudia da. **As Construções da bncc e a questão dos estudos das relações étnico raciais**. DISSERTAÇÃO. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, curso de Pedagogia, Natal, 2018. Disponível em

<https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/9446/1/As%20conctru%C3%A7%C3%B5es%20da%20BNCC%20e%20o%20Estudos%20das%20rela%C3%A7%C3%B5es%20etnico%20racial.pdf> Acesso em: 26 dez. de 2021.

WEBER, Max. **Max Weber e a história cultural da modernidade**. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/wcPLnhyn3RszrkMKnQvXLTS/?lang=pt> Acesso em: 24dez. de 2021.